

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS- SOCIOLOGIA

SONIELA ARAUJO FREITAS

**“NÃO SOMOS LIXO”: Sentidos da Invisibilidade para as mulheres garis
em Imperatriz- MA.**

Imperatriz- MA

2022

SONIELA ARAUJO FREITAS

**“NÃO SOMOS LIXO”: Sentidos da Invisibilidade para as mulheres garis
em Imperatriz- MA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
do Maranhão como requisito básico
para a conclusão do Curso de
Licenciatura interdisciplinas em
Ciências Humanas- Sociologia.

Orientadora: Prof. Dra. Vanda
Pantoja

Imperatriz- MA

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Araújo Freitas, Soniela.

Não somos lixo: sentidos da invisibilidade para as
mulheres garis em imperatriz-MA / Soniela Araújo Freitas.
- 2022.

30 p.

Orientador(a): Vanda Maria Leite Pantoja.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz-
MA, 2022.

1. Agentes de Limpeza Pública. 2. Estigma. 3. Gari.
4. Invisibilidade social. I. Leite Pantoja, Vanda Maria.
II. Título.

SONIELA ARAUJO FREITAS

“NÃO SOMOS LIXO”: Sentidos da Invisibilidade para as Mulheres Garis em Imperatriz- MA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Maranhão como requisito básico para a conclusão do Curso de Licenciatura interdisciplinas em Ciências Humanas- Sociologia.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Vanda Maria Leite Pantoja

Orientadora

Prof. Dr. Emerson Rubens M. Almeida

Examinador

Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras

Examinador

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar, a Deus e aos meus pais Manoel e Júlia, pessoas a quem quero bem, pois eu os amo muito; segundo aos meus irmãos que me incentivaram a não desistir nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste estudo. Aos amigos mais próximos que cultivaram esse sonho comigo, estando sempre ao meu lado em todos os momentos, pela amizade incondicional e pelo apoio ao longo de todo o período do curso, em especial às minhas amigas Daiane, Emília, Rafaela e Ana Flávia. Aos professores, pelas correções e ensinamentos que permitiram um melhor desempenho no meu processo de formação profissional. À turma 2017.2 pelo companheirismo e amizade, cultivo cada um na memória, anos de aprendizado e cumplicidade, anos que se transformaram em eterna amizade. As margaridas, denominadas de garis, mulheres simples e de humildade, porém trabalhadoras, dignas de exercer uma profissão que deveria ter mais respeito e valor. Quero agradecer uma pessoa especial, que me deu todo apoio desde o início deste trabalho. Ela foi mais que uma orientadora, foi uma amiga que abraçou esse tema junto comigo, alicerçado desde o início, dando visibilidade a uma categoria sofrida. Palavras são poucas para lhe agradecer. Mas, saiba que tenho uma grande admiração e a vejo como um exemplo de mulher e profissional. Ela é uma inspiração, minha orientadora, Vanda Pantoja.

“Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário que você veja toda a escada. Apenas dê o primeiro passo”.

(Martin Luther King Jr.)

RESUMO

A presente pesquisa trata de um estudo sobre a invisibilidade social das agentes de limpeza pública de Imperatriz – MA, frente à relação com a sociedade, com o intuito de reconhecer a importância social e laboral destas profissionais para a sociedade, sendo que é uma percepção humana sobre o processo de invisibilidade dentro da perspectiva dessas mulheres. Tal recorte justifica-se pelo objetivo de analisar e mostrar como as trabalhadoras da limpeza pública compreendem o fenômeno da invisibilidade social. A importância dessa temática portanto, incide sobre a dimensão social, na medida em que contribui para uma reflexão acerca da importância dessas mulheres, que é fundamental para a salubridade, e para a compreensão de estigmas com relação a essa atividade. Nessa direção, dialogamos com os estudos de Costa (2004), Antunes (2005), Goffman (1988) e outros. As Agentes de Limpeza Pública (gari) são um exemplo desse tipo de invisibilidade social, pois passam despercebidas nas ruas pela sociedade. A invisibilidade social está relacionada a conceitos simbólicos de não reconhecimento do trabalho dessas mulheres, tratando de uma cegueira social que, no caso das agentes de Limpeza urbana, tem amparo principalmente no estigma do trabalho com o lixo. No entanto, o estigma está relacionado à classificação de um grupo por outro, por sua vez, classifica de forma excludente e marginalizada por outro grupo, como forma de excluir, diminuir e inferiorizar outros grupos, considerado necessariamente o ser invisível. No tocante à realidade dessas mulheres, o preconceito e a desigualdade são enfatizados devido às questões raciais e de gênero. No que se refere a invisibilidade social, o estigma está tão presente na vida dessas mulheres, de forma que as mesmas não consideram a objeção como forma de violência. E de acordo com as análises dos relatos, nota-se que as humilhações sociais fazem parte do cotidiano da garis, visto que o preconceito foi evidente nos relatos dessas mulheres. Portanto, o estudo possibilita um olhar mais atento diante dos indivíduos que estão em volta, independentemente de sua origem, classe social ou profissional.

Palavras-chave: Invisibilidade Social; Agentes de Limpeza Pública; Gari; Estigma.

ABSTRACT

The present research is a study on the social invisibility of the public cleaning agents of Imperatriz - MA, facing the relationship with society, in order to recognize the social and labor importance of these professionals for society, being that it is a human perception about the process of invisibility within these women's perspectives. Such a cut is justified by the objective of understanding how women understand the process of social invisibility that falls on them. The importance of this theme, therefore, focuses on the social dimension, insofar as it contributes to a reflection on the importance of these women, which is fundamental for health, and for the understanding of stigmas in relation to this activity. In this direction, we dialogue with the studies of Costa (2004), Antunes (2005), Goffman (1988) and others. The Public Cleaning Agents (gari) are an example of this type of social invisibility, as they go unnoticed on the streets by society. Social invisibility is related to symbolic concepts of non-recognition of the work of these women, dealing with a social blindness that, in the case of urban cleaning agents, is mainly supported by the stigma of working with garbage. However, stigma is related to the classification of one group by another, in turn, it classifies in an excluding and marginalized way by another group, as a way of excluding, decreasing and inferiorizing other groups, necessarily considered the invisible being. Regarding the reality of these women, prejudice and inequality are emphasized, due to racial and gender issues. With regard to social invisibility, stigma is so present in the lives of these women, so that they do not consider objection as a form of violence. And according to the analysis of the reports, it is noted that social humiliations are part of the street sweeper's daily life, since prejudice was evident in the reports of these women. Therefore, the study allows a closer look at the individuals around them, regardless of their origin, social or professional class.

Keywords: Social Invisibility; Public Cleaning Agents; Gari; Stigma.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA: TRABALHO E DESIGUALDADE SOCIAL.....	13
3 INVISIBILIDADE SOCIAL DAS AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA.....	20
4 RELATOS DO COTIDIANO DAS MULHERES GARIS DE IMPERATRIZ- MA.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26

1INTRODUÇÃO

Este estudo corresponde a uma monografia de conclusão de curso (TCC) que mostra sobre a invisibilidade da profissão das agentes de limpeza pública, denominadas garis, com olhar situado na realidade contemporânea do município de Imperatriz, estado do Maranhão.

Meu interesse pelo tema referente ao trabalho e às mulheres garis surgiu por meio de uma aula sobre invisibilidade social, logo no início da graduação, o termo invisibilidade social me deixou bastante curiosa sobre esse tema, a curiosidade pela temática impulsionou a buscar e compreender os fatores da invisibilidade social que provoca sentimentos de desprezo e humilhação em indivíduos que com ela convivem. A partir daí, observando as trabalhadoras garis e como a invisibilidade social é tão presente no cotidiano destas mulheres, caracterizada pelo silenciamento e pela invisibilidade, foi quando encontrei um trabalho do psicólogo Fernando Braga da Costa. É de nosso interesse compreender como ocorre o fenômeno da invisibilidade social das agentes de limpeza pública do ponto de vista das mesmas, no que concerne ao preconceito, à discriminação pela relação de trabalho das garis, porque no senso comum se trata de um trabalho humilhante e impuro, trazendo para a realidade de Imperatriz - MA.

No entanto, existem diversos fatores que contribuem para que a invisibilidade ocorra: histórico, cultural, social, estético etc. É o que acontece, por exemplo, quando um gari é ignorado de tal forma que passa a ser apenas um objeto, o que leva a compreender que tal fenômeno atinge aqueles que estão à margem da sociedade, de tal modo que pode ser caracterizada como uma cegueira pública, quando uma pessoa desaparece no meio da multidão.

O levantamento de dados para a pesquisa coincidiu com o período de isolamento físico, ocasionado pela pandemia do Covid-19. Quando o isolamento foi decretado, em março de 2020, eu já havia começado a pesquisa, entramos no isolamento físico, no entanto, tive que parar e voltei para a leitura bibliográfica. Voltei às atividades de pesquisa deste trabalho, em novembro de 2021, período este que tive a oportunidade de retornar a campo, apesar de que as minhas interlocutoras nunca pararam, pois o trabalho delas foi considerado um trabalho essencial, no momento o qual o mundo acompanhava uma pandemia que não observava fronteiras e se alastrava

de forma rápida, colocando o planeta em alerta.

Passamos a notar alguns grupos de trabalhadores que não puderam parar com seus trabalhos e dentre eles os profissionais da limpeza pública/ urbana, os quais prestam um serviço essencial relacionado à limpeza urbana, colaborando assim para a saúde da cidade. No Brasil, diversas medidas foram adotadas pelos estados e municípios, como fechamento de escolas e serviços não essenciais. As garis, mesmo com a pandemia, não interromperam suas atividades, sendo expostas ao vírus tanto quanto os profissionais de saúde. Essa classe trabalhadora não mede esforços para agregar novos serviços, manter as cidades limpas e reforçar a proteção de cada um de nós no combate a um inimigo invisível.

Segundo Patrício (2007), a expressão invisibilidade social foi criada com a finalidade de identificar as pessoas às quais ficam invisíveis socialmente, seja por preconceito ou indiferença. Sendo que termo é muito amplo, devido ao fato de que existem diversos fatores que podem levar a uma invisibilidade, e entre estes pode-se citar os aspectos sociais, culturais, econômicos e históricos.

A importância do estudo sobre o fenômeno da invisibilidade social, que refere-se a seres invisíveis na nossa sociedade, seja pela indiferença, pelo preconceito, pela classe econômica ou nível de escolaridade. As agentes de limpeza pública (garis) são um grande exemplo desse tipo de invisibilidade social, como já está colocado no tema de pesquisa, pois passam despercebidas nas ruas pelas pessoas.

A invisibilidade pública é resultado de um processo histórico de longa duração. Rebaixa a percepção de outrem, especialmente a percepção de algum vinculado à forma baixa de salário assalariado, o trabalho desqualificado, alienado e alienante (COSTA, 2004, p.15).

Fernando Braga Costa (2004), busca compreender o fenômeno da invisibilidade social no contexto dos garis. No que se refere ao preconceito pela relação de trabalho, o gari é o que mais se destaca perante a sociedade, no entanto, Costa constatou que, ao olhar da maioria, os trabalhadores sem status são “seres invisíveis”, “sem nome”. A partir desse fenômeno, desenvolveu uma pesquisa de campo com os garis da cidade de São Paulo. No livro *Homens invíveis: relatos de uma humilhação social*, Costa (2004) conseguiu mostrar a existência da invisibilidade social, aplicado a indivíduos que estão à margem da sociedade, socialmente invíveis. O fenômeno da invisibilidade social refere-se a seres invisíveis na nossa sociedade, seja pela diferença ou preconceito, classe

ecônômica. Os garis é um grande exemplo desse tipo de invisibilidade social, pois a utilização do uniforme faz com que esses trabalhadores percam sua identidade e tornem sujeitos completamente invíveis. O objetivo da pesquisa do psicólogo foi observar e analisar o fenômeno da invisibilidade social no trabalho de garis na cidade de São Paulo. No entanto, cremos que esse relação pode ser expandida para outros contextos, tendo uma sociedade pautada pela desigualdade e preconceito.

Neste trabalho, vamos utilizar o conceito de estigma focando em Goffman (2004), para poder fazer a compreensão da estigmatização, dentro de uma perspectiva social, considerando que sua prática, a sociedade impõe os meios de classificar os indivíduos em categorias e o total de atributos que são considerados comuns e naturais para os integrantes de cada uma dessas categorias.

Goffman (2004) em suas obras afirma que os indivíduos os quais são considerados normais constroem uma teoria do estigma. Sendo que eles criam uma ideologia para explicar a inferioridade que existe das pessoas com um estigma. O conceito de estigma pode ser associado a outras palavras comuns do nosso cotidiano como preconceito, discriminação, exclusão e minorias. Na maioria das vezes, torna-se como sinônimos, funciona como um dos elementos para a identificação dos estigmas sociais. Assim, todos esses sinônimos vão tomando formas, criando categorização e rotulação no sentido de excluir os indivíduos. Os estigmatizados têm uma marca, a importância dessa temática, portanto, incide sobre a dimensão social, na medida em que contribui para uma reflexão acerca da importância das agentes de limpeza pública, fundamental para salubridade da população, e para o rompimento de estigmas em relação a essa atividade.

A limpeza urbana é um serviço básico que consiste em atividade para gestão do saneamento das cidades, como a varrição de ruas, remoção de resíduos e logradouros públicos. No Brasil, as ações iniciais de limpeza das vias públicas apareceram na época do governo imperial de D. Pedro I. Com isso, o gari é responsável pela limpeza pública, incluído varrição de vias públicas, coleta de lixo, capina e etc. Para desempenhar as atividades, necessita-se da utilização de equipamentos de trabalho, como vassoura, sacos de lixo, carrinho e pá. Além disso, há uma segregação entre as atividades de limpeza urbana, em que os serviços de coleta são destinados aos homens, e as mulheres ficam a cargo da varrição das vias públicas, com isso não quer dizer que não há presença de homens na varrição das vias públicas. Desse modo, entende-se, que dentro do trabalho da limpeza urbana há hierarquias, ao apresentar-se na perspectiva da

organização social como tarefas e funções de homens e mulheres, desse modo, se estabeleceria a dominação da relação de poder dos homens sobre as mulheres. Baseado nisso, o poder se distribui de forma desigual, não apenas na divisão de tarefas, mas também nos critérios que definem a qualificação dessas tarefas.

Atualmente, a cidade de Imperatriz conta com a prestação de serviços da limpeza urbana por uma empresa terceirizada pela gestão municipal, a MB Limpeza Urbana, que além de realizar a coleta do lixo, também está sendo responsável por outros serviços, assumindo assim, os trabalhos de varrição manual, o mutirão de serviços como também todas as outras atividades ligadas à limpeza da cidade. A empresa possui equipes de trabalhos divididas em varrição, coleta, poda, capina, recolhimento de entulho e limpeza das praças, que atuam em determinadas regiões da cidade definidas pela secretaria da limpeza pública (SLP). Através de um cronograma de limpeza pública, que são realizadas por cerca de 180 agentes entre mulheres e homens. A gestão municipal, por meio da Secretaria de Limpeza Pública (SLP), tem um planejamento diários de frente de serviços de coleta de entulho, poda, capina, varrição de vias e praças, entre outras ações de conversação.

O presente estudo teve, então, o objetivo de descrever a atividade a acerca da função de gari e observar e analisar como as trabalhadoras da Limpeza Pública compreendem o fenômeno da invisibilidade social atribuído a elas.

Este trabalho tem como percurso metodológico, a base teórica sobre o tema a ser pesquisado, reunimos artigos e livros que comungam com o tema proposto. Alguns autores trouxeram temas similares sobre o assunto abordado, dentre eles: Antunes (2005) que busca compreender o mundo do trabalho; Goffman (1988) que busca compreender o processo de estigmatização, que pode variar de acordo com a exclusão e a exposição das características do indivíduos; e Costa (2004), o qual procura compreender o fenômeno da invisibilidade social no contexto dos garis.

Assim, após essa base teórica, partimos para as entrevistas, coletar os dados com as agentes de limpeza pública, realizadas de forma individual, por causa da pandemia do Covid-19, para assim evitarmos aglomeração. Todo esse processo que antecede as entrevistas foi por meio de uma rede de amizade com uma das interlocutoras que me colocou em contato com as outras, minha idéia inicial era conseguir realizar dez entrevistas, e não foi possível. Tive dificuldade para conseguir as entrevistas com as interlocutoras, algumas alegaram receio em relação à gravação de áudio, por timidez ou pelo envolvimento, caso seu relato de vivência causasse

desconforto em saber que estava sendo gravada. Ao final consegui entrevistar três trabalhadoras, no período de janeiro à março de 2022, as entrevistas foram realizadas no local de trabalho das garis, ou seja, nas praças, sendo que sua participação foi voluntária e consistiu em relatos orais, colhidos através das entrevistas, com exposição de informações sobre a realidade do cotidiano das mulheres garis da limpeza pública de Imperatriz- MA.

Os nomes das mulheres que participaram da pesquisa apresentada neste trabalho são fictícios, por anseios das mesmas e algumas optaram por escolher o nome que lhe agradasse. Foi explanado a elas que poderiam parar a entrevistas a qualquer momento ou não responder perguntas que não se sentissem à vontade.

O Trabalho está organizado em cinco tópicos. A introdução busca justificar o interesse pelo tema, assim como contextualizar o trabalho de gari na cidade de Imperatriz- MA. Já o segundo tópico, “Agente de Limpeza Pública: Trabalho e desigualdade social”, traz consigo uma perspectiva da desigualdade social e do trabalho feminino. O terceiro tópico, invisibilidade social das agentes de limpeza pública traz a discussão da invisibilidade social das agentes de limpeza pública, aborda o estigma sofrido por essas sujeitas consideradas invisíveis. O quarto tópico, “Relatos do cotidiano das mulheres garis de Imperatriz-MA”, revela as narrativas de vida das garis, segundo dados das entrevistas. No quinto e último tópico esboçamos as considerações finais deste estudo.

2 AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA: TRABALHO E DESIGUALDADE SOCIAL

O trabalho é de fato um aspecto relevante para a vida humana, através dele pode-se manter e tirar dali o seu sustento. Tendo como efeito o impacto da autonomia que o mesmo pode trazer para a sociedade enquanto conjunto e também de forma individual é que o seguinte artigo aqui proposto fala do ofício das mulheres garis ou também denominadas agentes de limpeza urbana.

O trabalho tem se mostrado numa categoria fundante, visto que o tema proposto está diretamente relacionado com a natureza do trabalho. Essa categoria, por sua vez, abrange um número considerável de estudiosos que se dedicam às pesquisas com a finalidade de evidenciar as transformações sofridas ao longo do tempo, no mundo do trabalho. Essas revoluções modificaram o sentido da categoria trabalho, como

destaca Antunes (2005):

Se pode-se considerar o trabalho como um momento fundante da sociabilidade humana, como ponto de partida de seu processo capitalista o trabalho se torna assalariado, assumido a forma de trabalho alienado. Aquilo que era uma finalidade básica do ser social- a busca de sua realização produtiva e reprodutiva pelo trabalho- transfigura- se e se transforma. O processo de trabalho se converte em meio de subsistência e a força de trabalho se torna, como tudo, uma mercadoria especial, cuja finalidade um a ser de criação de novas mercadorias objetivando a valorização do capital (ANTUNES, 2005, p. 69).

O mercado de trabalho é caracterizado por apresentar um crescimento populacional economicamente, no entanto, no decorrer das últimas décadas, o país tem passado por transformações tanto econômicas como culturais, tendo como características principais a crescente desvalorização do trabalhador no mercado de trabalho, assim, ocorrendo uma grande precarização do trabalho, deixando homens e mulheres em situação de extrema vulnerabilidade. Além disso, essa inserção desvaloriza a força do trabalho feminina e persiste até dos dias atuais.

No Brasil, essa desvalorização e desigualdade já foi apontada pelo IBGE (2018). Sendo que o instituto identificou que os salários femininos são cerca de 24% inferiores aos masculinos. Além disso, segundo Antunes (2005) mais de 40% da força trabalhista é feminina, principalmente em países desenvolvidos.

No tocante ao trabalho das mulheres garis é uma atividade pouco notável, ganhando destaque apenas quando o trabalho não é realizado, com isso, a invisibilidade é comum no cotidiano dessas mulheres que trabalham na limpeza urbana, levando assim a desvalorização da força de trabalho feminina. Há percepção de que a limpeza urbana é realizada por pessoas com pouca escolarização, sendo que, há pouca oportunidade para melhores colocações no mercado de trabalho.

Segundo Leite (2017), a estrutura ocupacional brasileira nos últimos anos mostra uma melhora das desigualdades de gênero (...) as mulheres melhoraram suas posições no que se refere as taxas de desempregos, renda média e porcentagem de trabalhadoras formalizadas. As desigualdades persistem e isso tem a ver com uma questão estrutural, que se refere à segmentação do mercado de trabalho, ou seja, a segregação das mulheres em determinada atividade. A segregação das mulheres se concentra em poucos setores econômicos.

De acordo Bruschini & Lombardi:

Tradicionalmente as mulheres tem se ocupado com o trabalho doméstico, atividades sem remuneração e produções pra o consumo

próprio e família. [...] De outro lado, as mudanças apontam na direção de um polo oposto, no qual ocorre a expansão da ocupação feminina em profissões de nível superior de prestígio, como a Medicina, a Arquitetura, o Direito e mesmo a Engenharia, áreas até há bem pouco tempo reservadas a profissionais do sexo masculino. O movimento de ingresso das mulheres nessas áreas científicas e artísticas tem-se dado na esteira dos movimentos políticos e sociais deflagrados nas décadas de 60 e 70 do século XX. Aqui incluído o movimento feminista e da mudança de valores culturais deles decorrentes, que se refletiram, entre outras coisas, na expansão da escolaridade das mulheres e, em consequência, em seu ingresso maciço no ensino de 3º grau em uma gama mais ampla de carreiras universitárias (BRUSCHINI, LOMBARDI, 2011, p 98-99)

Diante do exposto, fica evidente que nos últimos anos, houve mudanças bruscas em relação à posição dos homens e mulheres na sociedade. Visto que até pouco tempo, a mulher era vista somente como uma pessoa que deveria ocupar os afazeres de dona do lar, e as profissões deveria ser ocupada somente por homens, porém, com o passar dos anos, o sexo feminino vem cada vez mais se inserindo no mercado de trabalho e ocupando profissões que antes eram restritas ao sexo masculino. Mas com essa pesquisa, é notável que ainda prevalece esse preconceito com as mulheres tanto pelo fato de serem garis, como por ocuparem uma profissão que antes prevalecia os homens.

O foco se desenrola em analisar a invisibilidade social das agentes de limpeza pública de Imperatriz -MA, frente a relação com a sociedade, com o intuito de reconhecer a importância social das agentes, tratando o simbolismo e a percepção humana sobre o processo de invisibilidade no olhar dessas mulheres, enquanto agentes sociais que buscaram no tempo e no espaço sua autonomia e seu lugar de fala diante da sociedade patriarcal. Nesse sentido é possível compreender que em se tratando de questões como a igualdade de gênero ainda é nítida a luta constante, segundo Garcia (2013, p.01).

Historicamente, a mulher ficou subordinada ao poder masculino, tendo basicamente a função de procriação, de manutenção do lar e de educação dos filhos, numa época em que o valor era a força física. Com o passar do tempo, porém, foram sendo criados e produzidos instrumentos que dispensaram a necessidade da força física, mas ainda assim a mulher ficou numa posição de inferioridade, sempre destinada a ser um apêndice do homem, jamais seu semelhante (GARCIA, 2013, p.01).

Através da perspectiva em torno da questão do trabalho em si, que o ofício relativo a limpeza urbana teve seus primeiros registros no contexto brasileiro ainda no período do Império. O termo gari apareceu através do nome de Pedro Aleixo Gari que, como consta na história imperial, no ano de 1876, assinou por assim dizer o primeiro contrato de cunho profissional com viés de limpeza urbana no território brasileiro.

A título de registro histórico em a empresa “Irmãos Gary” ainda na década de 1940, ficou registrada como a primeira empresa brasileira da área que funcionava como prestadora de serviços no que cabe a coleta, transporte e destinação dos resíduos sólidos. Em função da questão da regularidade do trabalho desempenhado naquele âmbito, os profissionais responsáveis pela coleta de lixo começaram a ser chamados de garis, fato que transcorreu até a atualidade no Brasil (VELLOSO; SANTOS; ANJOS, 1997).

Portanto, a sociedade contemporânea e mais precisamente no século XX, especificamente nos movimentos pela liberação feminina entre as décadas de 1960 e 1970, inauguraram uma nova maneira da mulher encarar o campo do trabalho. Nesse aspecto, percebemos que entre as décadas de 1960 e 1970 o feminismo havia se consolidado enquanto movimento político integrado a muitas outras bandeiras de lutas civis e minoritárias. Ainda nesse âmbito Bauer (2001) retrata que no Brasil também no período em questão à docência inseriu a mulher, tanto no mercado de trabalho quanto nas rodas de debates acerca de política e assuntos que antes eram exclusivos dos debates. Ainda nesse aspecto é preciso discorrer que segundo os dados do IPEA (2014):

A maior parte das mulheres sempre trabalhou. Suas trajetórias no mundo do trabalho não se iniciaram no pós-abolição, no pós-guerra ou nos anos 1970. Os primeiros dados oficiais de que se tem conhecimento apontam que, em 1872, elas representavam 45,5% da força de trabalho. Nesta época, de acordo com levantamento realizado, a partir do Censo Demográfico 1872, as mulheres estavam empregadas predominantemente na agropecuária (35%), nos serviços domésticos em lar alheio (33%) ou no serviço de costura por conta própria (20%). Após 1920, reduz-se drasticamente a participação econômica ativa (PEA) feminina. [...] É importante lembrar que, neste contexto, grande parte da produção se desenvolve dentro dos limites domésticos (IPEA, 2014).

E nesse campo relativo as mulheres, o nome que lhes foi atribuído ao serem consideradas e convocadas para esse serviço foi a denominação de “margaridas”, na década de 1970 passou a existir uma necessidade de pessoal para o trabalho de limpeza urbana em São Paulo, pois um grande porcentual masculino foi requisitado para os serviços de construção do metrô, por isso as mulheres passaram a ser contratadas para suprir o lugar que antes era reservado aos homens.

Nesse âmbito, a mão de obra feminina foi requisitada para esse trabalho e iniciou-se a busca em uma denominação para designá-las, a cor branca da flor foi idealizada num sentido de que representa a limpeza, e ainda na delicadeza da flor, que assim faria a representação da mulher. Dessa forma, margarida foi considerado o nome mais adequado,

por conter também a junção silábica do nome gari. Neste contexto é possível analisar que inclusive a escolha do modo de denominar as mulheres que seriam responsáveis pela limpeza pública, já se indicava a existência de estereótipos no que se refere a questão de gênero e a divisão sexual do trabalho, ou seja, os profissionais do sexo masculino, ali, mudavam de zona para os trabalhos tido como de melhor colocação e assim ficou responsável para às mulheres tomarem o cargo de profissionais de limpeza urbana e nas atividades da varrição.

Ter mulheres na limpeza pública significa a objetivação e a correlação entre a vinculação do trabalho doméstico feito no âmbito de seus lares, e o trabalho de limpeza que ocorreria nas vias urbanas, de forma intrínseca as mulheres são tidas como detentoras de saberes a elas relegados.

Nesse sentido é preciso dizer que além de enfrentar uma serie de percalços dentro do mundo do trabalho as diferenças de valoração com relação ao gênero é escancaradamente diferentes no que fica nítido na fala de Teixeira (2012), o mesmo diz que as desigualdades salariais têm origem na missiva de cunho ideológica que fala que as mulheres possuem necessidades relativas à subsistência menores que a dos homens que possuem a tutela da família e a obrigação de sustentar. Dentro desse âmbito, a mulher é tida como uma força de trabalho de nível secundário que apenas complementa o papel do homem, considerado o real provedor familiar.

O trabalho, nesse sentido simboliza para as mulheres uma ponte para galgar posições na escala social. É o principal meio pelo qual buscam se emancipar e ser social e economicamente autônomas, contudo, mesmo com o crescimento da inserção feminina no mercado de trabalho na atualidade, é possível assim entender e observar, que ainda estão inseridas no conjunto de atividades tidas como de menor qualificação, prestígio e de péssimas condições laborais.

Socialmente falando, é perceptível que o grupo de tarefas relativas ao trato, limpeza, higiene e cozinha são qualificadas como femininas, no âmbito de que características como: a meiguice, paciência, a preocupação com detalhes são qualidades pretensamente relativa à genética da mulher. O grupo social e profissional que engloba as mulheres inseridas no trabalho de limpeza urbana, ou seja, as garis é incluso no conjunto de profissionais do sexo feminino que lidam com a insegurança do meio, consideradas e relegadas ao olhar invisível das atividades mal remuneradas e realizadas em condições de risco e de insalubridade, pois lidam com o lixo que de fato é um aspecto evitado pela população de forma geral se tornando uma incumbência aos que pouco são

“capacitados” citando uma visão preconceituosa de tal atividade. De acordo com Santos (1999, p.11):

A discriminação, por parte da população, é uma fonte forte de sentimentos e emoções ruins. Associados ao tipo de trabalho que executam e ao produto com o qual lidam, está relacionada a atitude da comunidade, da população que, muitas vezes, discrimina estes trabalhadores de várias formas. Esta discriminação, colocando-os à margem, magoa e entristece. O coletor de lixo, muitas vezes, é confundido com o lixo com o qual trabalha, pela população e isto não passa despercebido destes trabalhadores (SANTOS, 1999, p.11).

Nesse aspecto Lopes et al., (2012) disserta que as atividades desenvolvidas pelas garis está relacionado, a face do simbolismo cultural e da carga simbólica do lixo e ao seu conceito abstrato, sendo usualmente impregnada de sentimentos de cunho negativos como a aversão e a repugnância, representadas de forma concreta pela figura do “lixeiro”. Ainda dentro daquilo que foi acrescentado é importante dizer que a saúde dessas mulheres é faticamente afetada influenciando assim em suas vidas sociais e particulares.

A limpeza pública é extremamente necessária e precisa acontecer para o funcionamento da sociedade, porém é um trabalho que vem carregado de preconceitos e marcas da desqualificação para quem o exerce. As garis enquanto mulheres já sofrem preconceito de gênero que é uma questão histórica em relação ao mundo do trabalho e o espaço que lhes era restrito mesmo engajadas nesse ofício há ainda extrema exclusão quanto a seu trabalho e ocorrência de preconceito velado, nesse ponto há de se falar sobre a invisibilidade que as mesmas enfrentam em seus ofícios e rotinas cotidianas.

A invisibilidade a que essas mulheres enquanto profissionais podem estar sujeitas a visão crítica do outro quanto à valorização do seu trabalho, criando dentro de si uma imagem relativa ao desmerecimento de seu ofício enquanto condição humana, pois a vida profissional é um dos qualificativos íntimos que desenvolvem o caráter e favorecem a construção essencial a noção de sentido real à vida do indivíduo em uma sociedade. Não querer para si a profissão ou como herança para os seus tal colocação na cadeia produtiva, pode ter estreita ligação a caracterização social dada aos garis sempre qualificada como sem prestígio.

Leal & Cols (2013) apontam que as atitudes de cunho negativas fixadas em estereotipações e preconceitos são geralmente lançadas a profissão de garis, dando lhes atribuições negativas e diminuindo-as em termos de status, ou seja, são vistas como profissões inferiores ainda que sejam parte do mercado formam e sejam fonte de renda de muitos.

Nesse sentido, a profissão de gari é atribuída a um grupo ou conjunto pessoas com a característica de ter baixa escolaridade, possuir um padrão de renda restrita e fazer parte em maior ênfase de grupos raciais de pardos e negros. Geralmente a ideia sobre a realização de tal trabalho é algo na afirmação de ser feito por qualquer um sem requerer qualificação específica, afinal é apenas lidar com lixo ou detritos.

Ainda seguindo a linha de pensamento de Leal & Cols (2013), apesar da desqualificação e o descrédito das funções correlacionadas à limpeza pública dentro do espectro do trabalho das garis, essa invisibilidade deixa de existir, pelo menos parcialmente, no momento em que esse trabalho deixa de ser exercido. Dentro dessa análise os mesmos dissertam que a profissão passa a ser encarada sob o ângulo que realmente pertence, que é relativa à questão do cuidado, da limpeza, a retirada de lixo e detritos e ao aspecto desagradável que as ruas passam a ter sem os cuidados de tais profissionais.

A questão do trabalho se apresenta como uma categoria fundamental, com relação ao tema proposto, a invisibilidade social, está diretamente ligada à natureza do trabalho das garis, por sua vez, essa categoria é bastante importante para a construção e formação da sociedade, na relação entre os indivíduos e classes sociais. A inteireza das relações sociais é ameaçada pela fragmentação dos princípios e das ambições, nesse sentido olhar para o trabalho de limpeza e organização das ruas traz a percepção do trabalho, mas não de quem o desempenha. As mulheres entram dentro dessa perspectiva para garantir seu sustento, galgar sua autonomia e mudar sua realidade, pois o trabalho tem essa conceitualização na vida dos seres humanos.

Portanto sendo participantes do mundo do trabalho e estando vinculadas ao ofício de garis, as profissionais da limpeza urbana carregam em si diversas marcas a respeito de sua ocupação. De um lado são participantes de um grupo social relegado a exclusão devido a desqualificação que sua profissão recebe, são associadas a um trabalho que na visão de muitos pode ser executado por qualquer que seja a pessoa, que não necessita de especialização e por isso merece ser mal remunerado, por outro ângulo são indivíduos procurando uma fonte de sustento e ingressando no mercado de trabalho por ter que manter-se e suprir suas necessidades básicas além de buscar sua autonomia. Sendo assim estão em constante paradoxo, pois mesmo alcançado formas de se manter financeiramente na sociedade vigente, são pessoas que vivem à margem da sociedade em termos de status e que enquanto profissionais são desrespeitadas e como mulheres

estão sujeitas as contradições impostas pela realidade social caminhando invisíveis mesmo participando da cadeia produtiva e da máquina econômica social.

3 INVISIBILIDADE SOCIAL DAS AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA

Neste tópico, discutimos a problemática da invisibilidade social das agentes de limpeza pública, uma profissão pesada e árdua, além também da questão social, o indivíduo não ser reconhecido tornando-se seres invisíveis. A questão da invisibilidade social dessas sujeitas, no meio social, está atrelada a um processo histórico e cultural.

A invisibilidade da qual vamos discorrer é social, justamente a forma como são vistas as profissões carecidas de status, glamour e reconhecimento social. A invisibilidade social está tão presente no cotidiano e na realidade dessas mulheres que fica enfatizados em razão a discriminação, sobrecarga de trabalho e pobreza. Segundo, Nancy Frazer (2001), a invisibilidade social, esta relacionada a um conceito simbólico do não reconhecimento no trabalho e pelo trabalho, sendo estes sustentados por motivações psicossociais. No entanto, a repulsa e a indiferença da sociedade associam-se a relação de invisibilidade social estabelecida com os trabalhadores da limpeza urbana.

Esses estigmas sustentam uma invisibilidade social que é nítida no cotidiano dessas trabalhadoras de diversas formas e sentidos, como o desvio visual com essas trabalhadoras, o não- reconhecimento, a indiferença e o preconceito.

Para Goffman (1988), o estigma é definido como um atributo negativo, que torna o sujeito diferente, diminuído ou detentor de uma desvantagem, em vez disso, pensar sobre o estigma como uma espécie de processo social, acessando assim o poder e a dominação, aproximando-se às desigualdades sociais.

O indivíduo estigmatizado pode mostrar uma ambivalência de identidade quando vê de perto que eles comportam-se de um modo estereotipado, exibindo de maneira extravagante ou desprezível os atributos negativos que lhes são imputados. Essa visão pode afastá-lo, já que, apesar de tudo, ele apoia as normas da sociedade mais ampla, mas a sua identificação social e psicológica, com esses transgressores o mantém unido ao que repele, transformando a repulsa em vergonha e, posteriormente, convertendo a própria vergonha em algo de que se sente envergonhado. Em resumo, ele não pode nem aceitar o seu grupo nem abandoná-lo. A expressão “preocupação com a purificação intragrupal” é usada para descrever os esforços de pessoas estigmatizadas não só para “normificar” o seu próprio grupo, mas também para limpar totalmente a conduta de outras pessoas do grupo (GOFFMAN, 1988, p.93).

O estigma desempenha um papel fundamental que implica a desvalorização e inferioridade, além disso, o desdobramento faz com que alguns grupos sejam desvalorizados como é o caso das agentes de limpeza pública, além de sofrerem a discriminação e de serem alvo constante de preconceitos, essas profissionais só tem o devido valor quando o seu trabalho deixa de ser feito, prejudicando assim a saúde pública.

No entanto, o estigma está relacionada à classificação de um grupo por outro, por sua vez, classifica de formas excludente e marginalizadora por outro grupo, com a intenção de excluir, diminuir e inferiorizar outros grupos, considerando necessariamente o ser invisível. Dessa forma, pode-se compreender o fenômeno da invisibilidade como forma de preconceito. Costa (2004) fala que, tal fenômeno psicossocial da humilhação, que age de fora por dentro, como uma angústia de não sentir-se visto como ser. Tal invisibilidade apresenta como posição de forma não natural em que “um homem pode ser submetido, forma-se entre cegos superiores e subalternos invisíveis”. (2004,p.156).

A invisibilidade é um conceito simbólico que está relacionada à desvalorização e o não reconhecimento social dessas trabalhadoras, uma chave importante para entender o estigma para essas trabalhadoras é o descumprimento dos seus direitos. Além, de ser um serviço considerado como essencial, as trabalhadoras permanecem invisíveis, no sentido de que a precarização de suas condições de trabalho passa despercebida pela sociedade, como também pelo poder público, tratando-se de um conjunto de atividades invisíveis, mas realizadas por pessoas consideradas “ invisíveis”, Costa salienta que:

A invisibilidade pública é sustentada por psicossociais, por antagonismos de classes mais ou menos conscientes. O olhar personalizante, olhar de reconhecimento interpessoal, perde espaço para o olhar humilhante, [...]. A invisibilidade pública é a cegueira psicossocial. Parece ser tanto mais automatizada quanto menor for o sentimento de comunidade que o cego tenha com o indivíduo que não foi visto. Parece haver mais consciência de cego sobre a cegueira quanto maior for o grau de comunidade em que possa ingressar com quem ficou apagado (COSTA,2018,p.201).

Portanto, toda essa discussão sobre a inserção da gari na sociedade reflete uma imagem tanto histórica como cultural que pode direcionar as pessoas a uma cegueira

social. Costa (2004) em seus estudos mostra vários fatos que comprovam essa invisibilidade, como mostra o trecho a seguir, retirado de uma de suas obras.

O ofício de gari parece acentualmente por um fenômeno de gênese e expressão intersubjetivos: a invisibilidade pública-espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens. Bater o ponto, vestir o uniforme, exercer tarefas simples como varrer ruas, cortar mato, estar sujeitas a repreensão mesmo sem motivos, transportar-se diariamente em caçamba de camionete ou caminhões, junto com as ferramentas ou com o lixo, são as tarefas delineadoras do trabalho daqueles homens. Tarefas nas quais pudemos reconhecer ingredientes psicológicos e sociais profunda e fortemente marcado pelas degradações e pelo servilismo. São atividades cronicamente reservadas a uma classe de homens subproletarizados; homens que se tornam historicamente condicionados ao rebaixamento social e político (COSTA, 2004, p.11.).

Invisibilidade das mulheres garis tem relação direta com o social, ser invisível tendo a significar ser inexistente ou insignificante, que discorre principalmente do preconceito ou da indiferença.

Como assinala Gonçalves Filho, com relação a invisibilidade pública:

Invisibilidade Pública é expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento político: a humilhação social, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gente das classes pobres. Um sofrimento que, no caso brasileiro e várias gerações atrás, começou por golpes de espoliação e servidão que caíram pesados sobre nativos e africanos, depois sobre imigrantes baixo- salarizados: a violação da terra, a perda de bens, a ofensa contra crenças, ritos e festas, o trabalho forçado, a dominação.

Bandeira e Almeida (2015) distinguem que a invisibilidade das agentes de limpeza pública pode ser comparada ao trabalho doméstico já que,

Este é um tipo de serviço que recebe, por adjetivos, ser infindável, repetitivo e improdutivo. Assim que uma tarefa termina outra tem que começar e, logo depois, se volta à anterior. A louça na pia parece nunca acabar, há roupa suja todos os dias, o chão limpo de manhã está sujo à tarde e a poeira jamais cessa em se acumular. Socialmente, as garis desempenham tarefas ligadas ao cuidado, limpeza, higiene que são ainda atribuídas ao fazer feminino, já que a docilidade, paciência e resistência para trabalhos monótonos e repetitivos são qualidades pretensamente consideradas ‘naturais’ à mulher (BANDEIRA e ALMEIDA, 2015, p.163).

As mulheres ao longo da história, de acordo com Perrot (2005), foram sempre descritas e denotadas na história como seres que propagavam falatórios, se uniam em torno de fatos do cotidiano doméstico e tidas como dependentes do amparo e força masculina. O fato é que a mesma autora também disserta a respeito dessa questão

contemplando a insegurança do homem e as amarras impostas pelo sistema patriarcal da época, tal questão produz um silenciamento histórico das narrativas verossímeis sobre a questão de gênero consequentemente sobre a mulher. “O mundo público sobretudo econômico e político, é destinado aos homens e é o que conta [...] (PERROT, 2005, p.34).

Falar sobre mulheres garis é também entrar num debate sobre ocupações consideradas menos relevante para a sociedade e a exclusão social que essas pessoas enfrentam no cotidiano delas.

Bauer (2001) relata acerca da atividade profissional no século XIX, eram escassas mesmo que a jovem possuísse nível elevado de instrução, seu destino provavelmente seria o matrimônio, isso se a mesma possuísse condições financeiras favoráveis. Caso contrário ou seriam damas de companhia ou mesmo professoras. “O ensino abria se como profissão às mulheres; porém o seu reconhecimento também nesta área não foi fácil e sim polvilhado de contradições” (BAUER, 2001, p.76).

A mulher encontrou autonomia através do trabalho e chegou até o século XXI, galgando degraus, seja entrando nas universidades, seja introduzindo em ambientes onde sua presença não era “adequada”, mesmo com todas as barreiras a serem transportas as mulheres alcançaram seu lugar. Enquanto donas de seus destinos seja em altos escalões sociais ou mesmo em atividades informais e também dentro do mercado de trabalho em profissões pouco valorizadas, dentro desse aspecto a invisibilidade das mulheres responsáveis pela limpeza pública mais conhecidas como garis são a pauta principal desse trabalho acadêmico, pois apesar de ser um trabalho essencial segue como marginalizado no âmbito da sociedade vigente.

4 RELATOS DO COTIDIANO DAS MULHERES GARIS DE IMPERATRIZ- MA

Fomos a campo observar e conversar com as mulheres garis, onde nossas fontes são fruto da própria fala dessas mulheres em entrevistas de coleta de dados sobre os sentidos da invisibilidade para as mesmas, os traumas que carregam consigo, seus momentos de acomodação e resistências. Ao contar sua trajetória de vida a partir de suas memórias, essas mulheres nos dão a possibilidade de entender o contexto, no qual, se encontravam, a partir de um ponto de vista diferente, dando possibilidade dessas mulheres falarem sobre estigmas que elas sofrem, como essas sujeitas entendem e se

vêm como sujeitas estigmatizadas, por mais que elas não manipulem essa categoria, pois elas tem noção que são seres estigmatizadas e têm consciência que esse estigma vem devido ao trabalho que elas realizam. Dentro do trabalho elas sentem que são mais estigmatizadas por ser mulheres, que os homens sofrem menos estigmas com relação o trabalho.

Essas mulheres são profissionais ligadas ao serviço de limpeza pública, responsável pela limpeza de vias públicas e praças municipais por meio de varrição e da coleta de lixo, onde requer esforços e bem-estar físico, e com carga horária de 8h por dia. São pessoas que estão expostas a riscos constantes, como a exposição à contaminação. Em tempos de pandemia causada pelo Covid-19, ficou evidente a dura realidade enfrentada por esses profissionais. Por ser um trabalho essencial, esses profissionais não pararam em nenhum momento e atuam diariamente. Ao mesmo tempo que esse trabalho é essencial, os mesmos são vistos como seres desvalorizados, invisíveis e discriminados pela sociedade, onde anseiam por reconhecimento e respeito.

“As vezes somos valorizadas, por parte da população, mas tem momentos que não somos reconhecidas e nem valorizadas pelas as pessoas, até parece que somos um “zé ninguém”. O que seria de Imperatriz, sem nos garis? Estava só o lixo, nas ruas, mal cheiro e bichos. Acho bom o salário, não reclamaria sobre o meu salário, temos vale alimentação também” (ANA, informação verbal, 2022)

Muitas das vezes o trabalho das garis não é valorizado, por mais que exerçam um trabalho de suma importância para a limpeza e sanidade pública da cidade. As profissionais estão satisfeitas pelo seu salário, pois o mesmo é razoável, mas exigem mais valorização do seu trabalho em si.

“Um dia passei por uma situação que fiquei muito triste, porque ainda tem pessoas assim?! Fui pedir água em um vizinho que mora aqui perto da praça, ele fechou a porta na minha cara, nem me olhou. Mas em comparação a outras pessoas é totalmente diferente, oferece água na taça para a gente (companheira de serviço no setor da praça) oferece também sucos e refrigerantes, tem aquele moço ali, que vende frutas, ele dá frutas para a gente na hora do almoço” (ANA, informação verbal, 2022).

A fala de Ana aponta para questões de que por vezes, as margaridas são destratadas, desvalorizadas e estigmatizadas pela população, onde alguns negam até um copo de água, em contrapartida, outros são gentis e as tratam com devido respeito, mais são poucos que ainda fazem isso. Tudo isso pelo fato de tratar a profissão com desvalorização e até mesmo desdém, só pelo fato de trabalharem na limpeza pública, as

tratam com inferioridade.

Diante de uma sociedade marcada pelo preconceito e desigualdade social, o indivíduo que não possui status, passa despercebido em meio àqueles que possuem profissões admiráveis e respeitadas. Podemos perceber na fala de Ana: “as pessoas ver a gari, como uma última profissão, como se não tivéssemos estudos, assim, mostra como a nossa profissão é desvalorizada”. A cegueira social e a rejeição que reproduz nesses garis sentimentos de inferioridade, provocando um sentimento de desprezo, e se sentem humilhados e invisíveis perante a sociedade. De todo modo, percebemos na narrativa de Sara:

“Sim, me sinto invisível com relação às outras profissões, as pessoas, nos discrimina por ser garis, por limpar a sujeira delas, pensa que somos lixos, porém, há pessoas que nos valoriza como profissional e pessoa” (SARA, informação verbal, 2022).

Dentre essas trajetórias podemos destacar a vida de mulheres que levaram um tempo se ocupando somente dos afazeres domésticos, babás, como no caso da entrevistada Ana. Apesar de tudo, para essas mulheres, ter conseguido emprego significa uma vitória, as mesmas buscavam o sustento sozinhas, antes estavam à mercê da renda do marido para o sustento ou sustentar os filhos. No entanto, a busca pelo emprego marca uma ruptura na vida dessas mulheres.

Para elas ser margaridas é um trabalho honrado e importante como toda profissão, que possibilita além do salário para o seu sustento e da família, profissão que merece todo respeito e através dessa profissão que mantém a cidade limpa, mas não somos capazes de perceber quem são essas pessoas que desempenham tão importante função, Aline revela: “o nosso serviço é como outro qualquer. As vezes as pessoas viram o rosto, parece que não tem ninguém aqui”.

Muitas vezes elas percebem que no seu próprio trabalho elas são desvalorizadas, pelo fato das pessoas não as enxergarem, se sentem invisíveis perante a sociedade. Apesar de sua importância para a comunidade, são menosprezadas, tendem a sofrer preconceitos, discriminação pelo seu trabalho. A humilhação social é um fenômeno psicossocial que tem caráter crônico na sociedade capitalista, é a invisibilidade pública, é o desaparecimento do homem no meio de outros homens (COSTA, 2008, p.15).

Um dos fatores que mais aflige as garis é o preconceito que sofrem perante aqueles que necessitam tanto de seus serviços: a sociedade. As garis são tratadas como lixo, ou seja, são invisíveis ao olhar daqueles que passam por elas. Salienta Vitória “A

gente não é reconhecido como indivíduo, muitas vezes somos tratados como lixo” (VITÓRIA, informação verbal, 2022).

Os problemas acerca do estigma com relação a essas mulheres ficam explícitos quando elas não se sentem vistas pela comunidade, por outro lado fazem questão de mostrar que sua profissão é fundamental. Sara indaga “imagina se não existisse gari para coletar o lixo, para varrer as ruas, praças, para deixar a cidade limpa. Como seria a cidade?”.

Aqui percebemos que essas mulheres não têm o reconhecimento que merecem, na maioria das vezes recebem um tratamento como se fossem lixo. As pessoas, em sua maioria, veem as mesmas com indivíduos inferiores, que não exercem tal função, enquanto profissional. A falta de respeito a elas no trabalho se confunde com a negligência e preconceito percebidas por essas mulheres, que sentem o estigma e a invisibilidade conferida a elas no dia- a- dia de trabalho, contudo, vivemos em uma sociedade muito preconceituosa, que humilha, trata com indiferença o outro, e que não reconhece o trabalho da garis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a problemática da invisibilidade social das mulheres da limpeza pública trata sobre um grupo estigmatizado, essa estigmatização aparece como capacidade de tornar essas pessoas socialmente invisíveis. Seja pela indiferença ou pelo preconceito, inculcando nos sujeitos sentimentos de inferioridade e humilhação.

Como pontuamos no trabalho a invisibilidade social está presente na vida da garis e as mesmas reconhecem que não são valorizadas, no tocante à realidade dessas mulheres o preconceito e a desigualdade são enfatizados, devido à desvalorização da função de gari, seja por questões raciais ou de gênero que agrava as desigualdades sociais, no entanto, há trabalho de mulheres e homens, mesmo nessa profissão. No que se refere à invisibilidade social, o estigma está tão presente na vida dessas mulheres, e de acordo com as análises dos relatos, nota-se que as humilhações sociais fazem parte do cotidiano da garis, como o insulto, a difamação, o preconceito, que foi evidente nos relatos dessas mulheres, que são vistas como “burra”, “sem capacidade” e “lixadeiras”.

O estudo possibilitou um olhar mais atento e respeitoso diante dos indivíduos que estão em volta, independentemente de sua origem, classe social ou profissional.

Nesse sentido, o presente trabalho, ainda que minimamente, traz um contexto importante para entender o estigma para essas mulheres: o descumprimento dos seus direitos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo. 2005.
- BANDEIRA, L. M.; ALMEIDA, T. M. C. **A Dinamica de desigualdades e intersiccionalidades no trabalho de mulheres da limpeza pública urbana: O caso das garis**. P.160-183, nov. 2015.
- BAUER, C. **Breve história da mulher no mundo ocidental**. São Paulo: Xamã: Edições Pulsar, 2001.
- BUUSCHINI, C.; LAMBARDI, M.R. **Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosa, mais velhas e mais instruídas**. Disponível em <http://www.fec.fs.gov.br> acesso em maio de 2022.
- COSTA, F. B. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.
- COSTA, F.B. – **Garis – Um estudo de Psicologia sobre invisibilidade pública**. Dissertação apresentada ao instituto de psicologia da univervdade de São Paulo, 2002.
- COSTA, F.B. **Moíses e Nilce: retratos biográficos de dois garis: um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas**. Tese de doutorado, universidade de São Paulo, 2008.
- COSTA, F. B. **Doze magistrados**. In: **vivendo o trabalho subalternos: as experiencias de doze magistrados**. Rio de Janeiro. 2018.
- FRASER, N. **Da Redistribuição ao Reconhecimento Dilemas da Justiça na era pós socialista**. In: SOUSA, Jessé (ed). **Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporanea**. Brasilia: UnB, 2001, p. 250.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. (4

ed.) Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOFFMAN, E. **Estigma- notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.**

Tradução: Mathias Lambert, 4.ed, 2004.

GONÇALVES, Filho, J.M-“ **Humilhação social: um problema político em psicologia**”. In: psicologia UPS. São Paulo, v.9, 1998, pp 11-67.

GARCIA, L. **A mulher e a evolução dos seus direitos.** Jusbrasil espaço vital.

IAMAMOTO, Marilda Vellela. **O serviço social na contemporaneidade: O trabalho é formação profissional.** 3.ed. são paulo: Cortez, 2000.

IPEA. **Políticas sociais: acompanhamento e análises.** N 22. IPEA: Brasília, 2014.

Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Salários das mulheres permanece inferior ao dos homens nos últimos 3 anos.** Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. 2018.

JOSÉ, M. G. F. – “ **A invisibilidade pública**”. In: COSTA, F.B – **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social.** São Paulo, Globo, p. 22, 2004.

LEITE, M. P. **Genêro e trabalho no Brasil: oa desafios da desigualdade.** Revista ciencias do trabalho, n8, 2017.

LEAL, N. S. B; SOARES, M. F.; ROCHA, I. T; RIBEIRO, C. G. **A Atitude dos Universitários em Relação ao Profissional de Limpeza Urbana.** Revista Scielo, 2013.

LOPES, F. T. et al. **O Significado do Trabalho para os Garis: um estudo sobre representações sociais.** Perspectivas em políticas públicas, v. 5, n. 10, 2012.

MACEDO, J. R. **Mulheres na idade média,** ed. 5, Revista e ampliada. São Paulo: Contexto, 2002.

PERROT, M. **As mulheres ou os selêncios da história** / Michelle Perrot: tradução viviane Ribeiro, - Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

PATRÍCIO, T.A. **Invisibilidade social. Tocando o assunto.** Publicado 10 de março de 2017. Link: <https://www.youtube.com/watchv=9296ciyo-3e> acesso dia 20 de outubro de 2020.

SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. **Coletores de lixo: A convivência diária com a sujeira da cidade – um breve relato.** Revista Brasileira de saúde ocupacional, v.26, 1998/1999.

TEIXEIRA, M.O. **Desigualdades salariais entre homens e mulheres a partir de uma abordagem de economistas feministas.** Instituto de economia da Unicamp, Niterói, v.9, n1, 2012.

VELLOSO, M.; SANTOS, E.; ANJOS, L. A. **Processo de Trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro, Brasil.** In: Cad.Saúde Pública, Rio de Janeiro, out-dez, 1997.